

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**DÉBORA ADRIANO SAMPAIO**

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA POPULAR NO MUSEU DO CEARÁ**  
*Uma abordagem cultural*

**FORTALEZA  
2006  
DÉBORA ADRIANO SAMPAIO**

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA POPULAR NO MUSEU DO CEARÁ  
*Uma abordagem cultural*

Monografia apresentada ao Curso de  
Biblioteconomia da Universidade Federal do  
Ceará como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Ms. Márcio de Assumpção  
Pereira da Silva

FORTALEZA  
2006

S181c Sampaio, Débora Adriano  
A construção da memória popular no Museu do Ceará:  
uma abordagem cultural / Débora Adriano Sampaio.  
Ficha catalográfica elaborada por: Ericson Bezerra Viana  
Bibliotecário - CRB 3/818

Ceará, Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências  
da Informação, Fortaleza, 2006.  
Orientador: Prof. Ms. Márcio de Assumpção Pereira  
da Silva

1. História Social 2. Memória – aspectos sociais  
3. Cultura popular 4. Matérias de memória I. Silva,  
Márcio de Assumpção Pereira da II. Título

CDD 306.098131

DÉBORA ADRIANO SAMPAIO

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA POPULAR NO MUSEU DO CEARÁ  
*Uma abordagem cultural*

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Ms. Márcio de Assumpção Pereira da Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa  
Universidade Federal do Ceará

---

Profª. Ms. Rute Pontes Batista  
Universidade Federal do Ceará

A Deus fonte de vida e inspiração; razão do meu viver. À minha família pelo apoio e cuidado constantes, em todos os sentidos, para a continuação dos meus estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me ajudou incondicionalmente em toda minha vida; porque esteve comigo, tanto nos momentos alegres e de motivação, quanto nos momentos em que me senti

fraca. E quando tudo parecia perdido, Ele renovou as minhas forças, me ergueu e me fez acreditar na vitória. “Que darei ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?” (Salmos 116:12).

À minha família, especialmente os meus pais, Maria do Socorro Adriano Sampaio e José Viana Sampaio, que me ensinaram princípios de dignidade, honestidade e humanidade, tornando-se base para toda minha formação pessoal e intelectual; pelo encorajamento e incentivo que nunca faltaram, e pelo lar que me ofereceram. À minha irmã Priscila Adriano Sampaio, que me orientou na tradução do resumo em língua inglesa.

À minha avó, Maria Elizomar Sampaio, e ao meu avô, Francisco Vieira Sampaio (*in memoriam*), por incentivarem sempre os meus estudos e me ajudarem financeiramente.

Ao professor Márcio pelas sugestões, críticas, paciência, flexibilidade e disponibilidade, por ter me aceitado de volta como sua orientanda quando o abandonei, e por ter me ajudado a resolver problemas burocráticos na Coordenação; por ter ouvido meus desabafos em momentos de desespero e me motivado a continuar, fatores imprescindíveis para construção deste trabalho. Sou imensamente agradecida por seu empenho em me orientar na realização deste.

Ao Tiago, que fez a revisão do resumo em língua inglesa. Uma pessoa especial para mim, que esteve sempre me incentivando a continuar e nunca me deixou trancar nenhuma disciplina quando me senti desmotivada.

Aos meus amigos Virgínia, Vânia Araújo, Vânia Bastos, Elenice, Adriana, Gláucio (que me cedeu materiais relevantes para pesquisa) e Joyce (mesmo de longe), que sempre estiveram torcendo pela minha vitória e me encorajando. Amo vocês!

Aos meus colegas de sala, pelas trocas de idéias, pela compreensão nas horas de estresse e compartilhamento das incertezas.



*“Devemos trabalhar de forma que a memória sirva pra libertação e não para servidão dos homens”.*

*Jacques Le Goff*

## **RESUMO**

Analisa-se a construção da memória popular no Museu do Ceará. Objetivando fundamentar teoricamente esta pesquisa, faz-se um percurso histórico e cultural pelo Museu, desde a sua origem até os dias de hoje. Com apoio de alguns teóricos, abordam-se os aspectos conceituais sobre memória, especificamente, sobre memória popular, buscando estabelecer relações entre passado, presente e futuro. Desta forma, identificando-a como um instrumento dinâmico de transformação social. Reflete-se sobre o objeto, verificando seu valor simbólico, o qual pode

ser visualizado como documento – material de memória. Vislumbra-se a temática sobre cultura popular, sob perspectivas históricas, conceituais e antropológicas, tecendo-se reflexões acerca de sua influência nos modos de vida da sociedade e, assim, destacando-a como fundamental para complementação do referencial teórico. Apontam-se os aspectos metodológicos, que nortearam a elaboração e produção deste, no que se refere ao tipo e método de pesquisa, bem como, instrumentos utilizados para coleta de dados. A análise revelou resultados em respostas as propostas traçadas inicialmente, mostrando as contribuições deste trabalho para as áreas de Ciências Humanas, Biblioteconomia e Ciência da Informação.

**Palavras-chaves:** História social. Memória social. Materias de memória. Cultura popular.

## **ABSTRACT**

It analyses the popular memory building at Museu do Ceará. First of all, we make a historical and cultural course by the Museum, from its foundation until now, with the puporse to confirm this research theoretically. Thereafter we mention, based on some theoreticals, conceptual aspects about memory, specially about popular memory, trying to establish a relation among the past, the present and the future. Identifying it as an active instrument of social transformation, we reflect about the object, verifying its symbolical value which can be seen

as a document – content of memory. Then we explore the theme about popular culture, under historical, conceptual and anthropological perspectives, thinking about their influence upon the way of life in society and, consequently, emphasizing how essential for completion of theoretical reference it is. We show the methodological aspects, it means characteristics which surrounded their elaboration and production, referring to the type, method of research and elements which were used to the raise the collection of pieces of information. At last, we present the analysis and its results with the purpose to answer proposals and showing contribution from this work in relation to Human Sciences, Biblioteconomy and Sciences of Information areas.

**Keywords:** Social history. Social memory. Content of memory. Popular culture.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	10
-----	
<b>2 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO MUSEU DO CEARÁ</b>	16
<b>3 MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO PASSADO / PRESENTE / FUTURO</b>	22
<b>4 MATERIAIS DA MEMÓRIA: OBJETOS E DOCUMENTOS</b>	28
<b>5 REFLEXÕES SOBRE CULTURA POPULAR</b>	32
<b>6 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>	37
<b>7 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA POPULAR NO MUSEU DO CEARÁ</b>	40
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	48
<b>9 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	52
<b>APÊNDICES</b>	56



## 1 INTRODUÇÃO

As expressões “popular”, “memória popular”, “cultura popular”, tem, historicamente, várias significações. Cada época recupera e atribui ao popular um sentido que, em princípio, resulta da disputa ou das relações no interior dos discursos. A idéia de “cultura popular” ou “memória popular” como dominada, ou como tendo um quadro simbólico reduzido, constituindo-se numa cultura pobre, é completamente equivocada quando procura-se compreender e explicar a produção material e simbólica da população e, por extensão, os modos de vida e as formas de relação com a sociedade à sua volta.

Entende-se por memória a capacidade que o ser humano apresenta de reter fatos e experiências vivenciadas no passado e transmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes como a voz, a música, imagens, objetos, livros.

Por memória individual compreende-se aquela memória retida por um indivíduo, íntima, refere-se à sua própria experiência, mas que pode conter aspectos da memória do grupo social onde o indivíduo se formou, onde foi socializado, isto é, a memória coletiva.

A Memória, portanto, representa a conservação de informações individuais ou coletivas de determinados fatos, acontecimentos, situações, reelaborados constantemente. “Remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas” (LE GOFF, 1996, p. 423). A memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva.

No espaço do museu percebe-se a ampla e variada gama de informações contidas nos objetos, diante da “complexidade dos mesmos frente aos serviços prestados à comunidade” (LIMA, 2003, p. 3). Assim, têm-se as seguintes questões: dentro dessas

funções exercidas pelo museu histórico, inclui-se a construção da memória popular como uma das suas principais atividades? Como estão sendo rediscutidas, no espaço do museu, atividades no que tange à construção da memória popular? Como a população dialoga com o museu no exercício da construção da memória?

O museu histórico precisa ser visto como a memória viva da população, em torno da qual temos seus elementos fundantes.

Baseados em Montenegro (1994), pode-se dizer, que a questão da memória e suas alterações, face aos modos de vida do presente, tem sido intensamente discutida: a concepção de memória embora considerada mais em uma perspectiva histórica, está marcada, também, pelo caráter livre, onde lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com idéias de hoje as experiências do passado.

O popular não é mais projetado apenas como materialidade singular, refletindo e projetando um conjunto de ações na sociedade, onde os diversos segmentos são comumente reconhecidos e autorizados para fundarem a história da sociedade. Registram-se os conflitos, contradições que a própria realidade expressa. No entanto, os registros oficiais insistem em “esquecer”.

A partir das leituras feitas em Hobsbawm (1998), pode-se dizer que a memória oficial está nos documentos e discursos oficiais das autoridades, mas ao lado do que a escrita registra, existe uma outra visão dos acontecimentos que pode ser recuperada através da memória. Inferi-se, portanto, que esta deve ser a real função dos museus históricos, a construção da memória popular, pois a história não se constrói a partir dos discursos oficiais, lutas de elites ou marcos de “grandes heróis”, mas a partir das falas dos sujeitos e informações riquíssimas que essas contém, bem como os objetos / documentos populares que estão carregados de valores simbólicos.

Os museus, diferente do que muitos consideram, não são instituições estáticas. Os museus históricos, dentre suas importantes funções, têm a responsabilidade de problematizar a história, de construir memória. Os museus históricos devem, com certa urgência e ousadia, cada vez mais, trilhar os caminhos da memória popular, expô-la, problematizá-la.

O objetivo geral da pesquisa é levantarmos como está sendo rediscutido e como se efetiva no museu histórico a construção da memória popular. Especificamente, visamos investigar de que forma a população interage com o museu, como contribui na construção e interpretação de informações passadas e analisarmos a construção da memória popular e das informações fundamentais na reconstrução da história e de como o museu trabalha para construção dessa memória.

A escolha deste tema deve-se a um trabalho realizado na disciplina “História do Livro e das Bibliotecas”, ministrada pelo professor Luiz Tadeu Feitosa, sob o título “Memória Popular e Biblioteca Pública”. Desde então, o termo “memória popular” era cogitado para fazer parte do projeto de pesquisa a ser desenvolvido na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia, e, posteriormente, da monografia de conclusão de curso; a opção pelo museu histórico deu-se a partir da disciplina “Introdução aos Estudos Históricos”, ministrada pelo professor George Menezes. Desta forma, o encantamento pelo estudo, mais aprofundado, desse espaço de múltiplas significações, aflorou.

As questões aqui propostas são para que tenhamos a oportunidade de discutir sobre a memória popular como fundamental no processo de construção e/ou reconstrução das informações passadas – objetos / documentos que contam a história das famílias, das lutas, derrotas e conquistas de um povo, o passado reconstruído, e na formação da identidade social dos indivíduos. Le Goff (1996, p. 535) corrobora: “atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar recordações, trazer à tona novas significações, novos olhares [...]”.

Quando se fala em memória, não podemos deixar de falar da história e, concordando com Le Goff (1996, p. 21) “falar de história não é fácil”: “a história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que seu sentido se mantém confuso, misturado”. A história é, na verdade, o reino do inexato, ela é submetida, naturalmente, a flutuações e mudanças constantes.

Diante desses aspectos entende-se a pertinência deste estudo para a sociedade, pois a construção da memória também pode ser uma construção realizada sobre inúmeras resistências. Estabelece-se um imaginário – vontade de mudar as próprias condições – de escravo a sujeito, portanto o passado (enquanto memória), registra a redenção, a luta. “Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo...)” (HOBBSAWM, 1998, p. 22). O passado é, portanto, um componente inevitável das pessoas, instituições, valores e outros padrões da sociedade humana.

Neste trabalho, é feita uma abordagem cultural sobre a construção da memória popular no Museu do Ceará. Para isto, é necessário que façamos uma breve análise de seu histórico e contextualizá-lo na sociedade cearense de hoje, para nos orientarmos sobre o nosso objeto de estudo.

Esta pesquisa apoiou-se em teóricos como Jacques Le Goff, historiador e pesquisador na área de história e memória social. Ele reflete sobre o próprio conceito de memória que, diante das transformações da sociedade, vem sofrendo alterações e tornando-se cada vez mais importante na busca e formação da identidade dos indivíduos. Além desse autor, outro teórico de grande importância foi Eric J. Hobsbawn, que questiona, sob a ótica histórica, sobre a memória e suas relações com o passado, fazendo uma abordagem esclarecedora do tema. Desta forma, foi possível tecermos esta abordagem, a partir de visitas sistemáticas ao Museu do Ceará, para a formulação dos questionamentos e para uma maior proximidade com o objeto estudado.

Outras fontes importantes para nos contextualizarmos em relação ao Museu do Ceará foram à professora e pesquisadora Cristina Rodrigues Holanda, atual coordenadora do núcleo pedagógico do Museu do Ceará, que expõe ricas e importantes reflexões sobre a constituição do mesmo, e o professor e atual diretor do Museu, Régis Lopes, que faz importantes reflexões sobre a problemática dos objetos expostos no Museu.

Para as reflexões sobre a cultura e seus aspectos conceituais, nos apoiamos em teóricos como Peter Burke, que discorre sobre conceitos gerais e históricos da cultura; Antônio Augusto Arantes, que explora, especificamente, e de forma introdutória, aspectos da cultura popular, procurando fazer uma abordagem buscando explorar a definição e seus desafios nos dias atuais diante das transformações sociais.

A estrutura física deste trabalho está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresenta-se a problemática do estudo, sua justificativa, objetivos e os principais teóricos que apoiaram o estudo, bem como a estruturação de cada capítulo.

Do capítulo dois ao quinto expomos o referencial teórico da pesquisa, isto é, as reflexões teóricas que fundamentaram o tema do estudo. Iniciando com o contexto histórico e cultural do Museu do Ceará. No capítulo três, fazemos uma abordagem sobre memória e sua relação passado, presente e futuro. No capítulo quatro abordamos sobre os objetos/ documentos, analisados como objetos de memória. Apresentamos no quinto capítulo uma reflexão conceitual e histórica sobre a cultura e cultura popular, essencial na abordagem do tema da pesquisa.

O sexto capítulo traz os aspectos metodológicos da pesquisa, isto é, apresentamos as técnicas, instrumentos e os meios utilizados para realização deste trabalho.

O sétimo capítulo analisará o material levantado durante a pesquisa, buscando

responder aos objetivos da pesquisa e às questões propostas no capítulo introdutório.

As considerações finais deste estudo apresentarão reflexões acerca do tema, sugestões e contribuições deste trabalho para as áreas de Ciências Humanas, Biblioteconomia e Ciência da Informação, para a sociedade e estudos posteriores.

## **2 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO MUSEU DO CEARÁ**

No início do século XIX, no Ceará, mais especificamente em Fortaleza, algumas entidades museológicas surgiram, mas com os incentivos privados, no que se refere aos

custos e à organização. Holanda (2005, p. 7) discorre, conforme o boletim n.º 01 do Museu Rocha, que o primeiro museu foi que pertencia ao médico cearense Joaquim Antônio Alves Ribeiro, já apresentava em 1873 várias coleções de fragmentos da natureza.

Essas coleções foram transportadas para compor o Museu Provincial, que funcionou como uma das dependências do Gabinete Cearense de Leitura, entre os anos de 1875 e 1885. Por volta de 1894, outro cearense, Francisco Dias da Rocha, formou o Museu Rocha, que funcionou até a década de 1950.

Com o progresso material que ocorreu no Ceará, na virada do século XIX para o século XX, a primeira repartição museológica oficial foi fundada em 1932, mantida pelo governo estadual, sendo franqueada ao público em 1933 em Fortaleza. "O Museu Histórico do Ceará ocupava duas salas do, também recém-criado, Arquivo Público do Estado, ambos sob a direção de Eusébio Néri Alves de Sousa" (HOLANDA, 2005, p. 8)

O ano de 1932 é considerado o marco de consolidação dos museus históricos brasileiros, quando as autoridades de várias regiões decidem comemorar o centenário da independência do Brasil. A partir disso, cresceu o número de museus históricos no país, a maioria com iniciativas do governo para celebrar os grandes eventos e personalidades oficiais da nação. A visão histórica do Museu, no início, estava ligada muito mais às elites e às famílias tradicionais do Estado.

No início da década de trinta, o Museu Histórico foi se formando, e sob a coordenação de Eusébio de Sousa, procurou adquirir e classificar o acervo que expusesse objetos que possibilitassem "o conhecimento da história pátria, especialmente do Ceará, bem como o culto das nossas tradições" (Decreto Estadual n.º 643, de 29 jan. 1932). Na direção de Eusébio de Sousa entre os anos de 1932 a 1942, há o registro oficial de mais de

mil doações.

A campanha de arrecadação das peças gerou um acervo diversificado que fugiu, algumas vezes, dos parâmetros estabelecidos por Eusébio, pois alguns doadores tinham a visão de que o museu era um local de expor curiosidades. Mas Eusébio procurava identificar as peças e fazia as devidas associações com fatos e personagens históricos, para que os visitantes apreendessem a importância do Museu e estabelecesse um diálogo com o passado.

Eusébio tinha por missão cultivar a memória, mesmo num momento de constantes transformações, como o século XX se apresentava: “vasculhando o passado, sob a intenção de nele encontrar elementos que contribuíssem para a (re)construção de uma identidade para o povo cearense [...] – Eusébio acabou produzindo muitos ‘lugares de memória’” (HOLANDA, 2005, p. 9).

Eusébio deixava claro que o Museu Histórico não se destinava prioritariamente aos pesquisadores eruditos, nem seria gerador de renda para os cofres públicos. Ele defendia que o Museu deveria ser livre para a população em geral, agregando mecanismos de divulgação do conhecimento histórico, entre os quais a conservação e a mostra dos objetos, eram dotadas, em sua concepção, com um grande potencial educativo.

Com a saída de Eusébio de Sousa da sua direção, em 1942, o Museu Histórico do Ceará continuou sua atuação, passou por várias direções, mudou de endereço e de denominação; “dividiu atenções e verbas com outros museus que foram surgindo no Ceará” (HOLANDA, 2005, p. 10). Desvinculou-se do Arquivo Público, filiando-se ao Instituto Histórico em 1951 e finalmente à Secretaria de Cultura do Estado do Ceará em 1967, onde se mantém até os dias de hoje.

Ao passar pela administração do Instituto Histórico do Ceará, passou a ser

denominado como Museu Histórico e Antropológico do Ceará. Em 1973 foi tombado pelo Patrimônio Histórico e, somente em 1990, o nome atual, Museu do Ceará, passou a vigorar. Ao longo de toda essa trajetória, o Museu transformou-se num lugar de memória, mesmo diante das disputas sociais.

Nesse pensamento, parafraseando Nora Pierre (1993), pode ser ressaltada e analisada que a acentuada fragmentação da vida coletiva e a crescente valorização dos indivíduos na sociedade contemporânea resultou na desvalorização dos “laços de continuidade” em várias sociedades, surgindo, dessa forma, a necessidade de se promover espaços para a preservação e construção de memórias, que antes eram construídas pelos grupos sociais, e sendo instaurada uma memória coletiva, valorizando os vínculos grupais, transformados pela história, frutos de vestígios que sobreviveram ao tempo.

O Museu guarda em seu acervo cerca de seis mil peças históricas e antropológicas, entre elas: moedas, medalhas, cédulas, bandeiras, fardas, armas, telas que retratam importantes momentos da história e que contam a história da escravidão, da abolição, da literatura, do Ceará, do país; quadros oficiais de celebridades políticas, confrontado com memórias populares.

A diversificação das peças no acervo é uma das características da instituição, que recebe cerca de três mil visitantes por mês. Está localizado na sede da antiga Assembléia Provincial, na rua São Paulo, 51, no Centro, ao lado da Praça dos Leões. O atual edifício do Museu do Ceará abrigou ainda o Liceu, a Faculdade de Direito, o Tribunal Regional Eleitoral, o Instituto do Ceará, a Biblioteca Pública, a Assembléia Legislativa e a Academia Cearense de Letras. Tombado como Patrimônio Histórico desde 1973, foi restaurado em 1990 pelo Governo do Estado do Ceará. A sua localização é privilegiada, pois evoca o passado, em um cenário histórico.

Todo o acervo exposto no Museu foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A maioria das peças do Museu oferece uma oportunidade única, não só de se conhecer a natureza do cearense, mas construir memórias e, através delas mergulharmos nas lutas, crenças e cultura de um povo.

Segundo Holanda, debater a seleção realizada por Eusébio de Sousa, ao montar e publicar o acervo do Museu Histórico do Ceará, levando-se em conta as inclusões e exclusões, é fundamental para percebermos como os documentos são simultaneamente monumentos, “produtos de uma sociedade que fabrica e dita as suas condições de conservação ou de destruição segundo os interesses e a correlação de forças de um dado momento” (LE GOFF, 1992, p. 537).

É necessário percebermos e analisarmos como os espaços criados com o objetivo de construir saberes e de preservar a memória são também resultados da escolha e decisões de indivíduos, configurado a um determinado tempo e lugar de práticas sociais e de produção do conhecimento.

Os esforços de Eusébio de Sousa na organização do museu oficial nem sempre foram reconhecidos pelos seus contemporâneos. Isso por ser explicado a partir do fato de que não havia uma narrativa historiográfica concatenada aos objetos expostos, daí a importância da formulação de um texto temático que só foi possível a partir de 1951 quando o Instituto do Ceará assumiu a condução do Museu, organizando salas a partir de diversos assuntos.

O Museu do Ceará consolidou-se como um espaço múltiplo, que está centrado nas várias versões da história, procurando os conflitos nos diversos ângulos. Essa diversidade é mostrada pelas coleções de Thomas Pompeu Sobrinho e Dias da Rocha, em salas temáticas: “Ceará Terra da Luz”, Fortaleza: imagens da cidade, “Símbolos e Emblemas do Poder”, “Escravidão e Abolição Negra”, “Artes da Escrita”, “Trincheiras e Barricadas”, “Religiosidade Popular”, “Ceará Moleque” e “Povos indígenas”.

Além de concentrar um dos maiores e mais importantes acervos do Estado, o Museu do Ceará promove cursos, oficinas, palestras e publicações na área de museologia e História, visitas orientadas e capacitação para professores, destacando-se como um núcleo de ações educativas em parceria com a Universidade Federal do Ceará. Sua política

cultural está de acordo com os princípios da pedagogia de Paulo Freire. Tal projeto de atuação procura atender ao público diversificado que vai ao Museu: pesquisadores, estudantes da educação básica e superior, visitantes de Fortaleza e turistas do Ceará, do Brasil e de outros países. E há uma atenção especial ao trabalho com as visitas orientadas.

Com base na atual Política Nacional de Museus, a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, por meio do Museu do Ceará, passou a coordenar a criação e o funcionamento do Sistema Estadual de Museus, ampliando as referidas atividades que atualmente desenvolve, a fim de contribuir também para a qualificação dos profissionais que atuam nos espaços museológicos do Ceará.

Todas as atividades mencionadas vêm consolidando o Museu do Ceará como um significativo espaço de educação, cultura e lazer, tal como se entende nos fundamentos científicos e éticos da museologia contemporânea, transformando-se numa referência regional.

Iniciativas do Museu valem ser destacadas, como a instalação do “Memorial Frei Tito de Alencar”, que permite uma reflexão crítica da ditadura militar. O Memorial traz à tona um cearense que lutou pelos direitos humanos.

Analisar a formação do acervo do Museu do Ceará, instituído na década de 30 em Fortaleza, é adentrar num universo ilimitado, sem delimitações: “o Museu do Ceará, surgiu como expressão da modernidade que se volta incessantemente para o futuro, mas que olha para trás em busca de origens perdidas” (HOLANDA, 2005, p. 189).

Desta forma, o acervo do Museu constitui-se em uma diversidade de fragmentos sobre variadas formas de gerar memória, símbolos e objetos que fazem ligações entre o passado, presente e futuro.

### **3 A MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO PASSADO / PRESENTE / FUTURO**

Em geral, ao falarmos em memória, nos referimos à capacidade de lembrar o que foi, de algum modo, vivido.

Le Goff considera que os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, não são mais do que resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os

reconstitui.

Todos nós construímos memória ao longo do tempo, a partir de acontecimentos do nosso cotidiano que podem ser evidenciados, tanto nas coisas em que realizamos ou não, pois muitas vezes, lembramos de fatos que nem sequer vivenciamos, mas que foram importantes na construção da memória de uma região, de um povo, como, por exemplo, os acontecimentos históricos e políticos.

Tanto em nosso convívio social quanto individual, somos atores sociais, ativos e indispensáveis na construção da memória individual, mas, sobretudo, da memória coletiva que deve ser entendida em âmbito social e que está sujeita a transformações constantes. Portanto, a memória é dinâmica:

Entre sujeito e memória há relações de desejo e vontade mediante os quais o sujeito busca chegar às entranhas daquela. Tal busca implica uma viagem mágico-mítica ao longo da qual se têm descobertas. Busca-se um arquétipo, a origem das sensações presentes. (FEITOSA, 1998, p. 99)

Na direção desse pensamento, Pollak (1992, p. 202), apresenta alguns elementos constitutivos da memória que são os “acontecimentos, personagens e lugares”. Ao nos referirmos aos acontecimentos podemos entendê-los tanto na esfera individual quanto da coletividade. No aspecto da coletividade, seriam aqueles, já citados, em que mesmo o indivíduo não participando ativamente, mas em seu imaginário, tem determinada e relevante importância política, social e histórica. É possível que ocorra nesse ínterim de socialização histórica, uma forte identificação com o passado, que, parafraseando Pollak, podemos falar numa memória herdada.

A memória também é constituída por personagens, que, não são necessariamente do espaço ou do tempo, mas que foram importantes em determinado momento de construção da memória individual ou coletiva. E, além desses, podemos incluir os lugares,

“a memória preservada nos sítios e espaços de valor histórico e cultural, funcionam como uma espécie de receptáculo, de poço [...]” (FEITOSA, 1998, p. 96). Existem lugares de memória, ligados a uma lembrança pessoal, por servir de base a um momento marcante ou por ter importância na construção da memória de um grupo, em determinada época.

Encontramos em Le Goff (1996, p. 424), a caracterização do que consiste o ato mnemônico “antes de qualquer coisa pela a sua função social, pois é a comunicação a outrem de uma informação, na ausência de um acontecimento ou do objeto que se constitui o seu motivo”. Neste tópico intervém a linguagem, ela própria, produto da sociedade.

De acordo com estes estudos dizemos que a utilização de uma linguagem falada e escrita é a extensão das possibilidades de armazenamento da nossa memória e podemos, assim, sair dos limites físicos do corpo. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informação na nossa memória.

O estudo da memória social e a construção da mesma é um dos meios fundamentais de abordarmos os problemas do tempo e da história, pois a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, e sua busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades.

A memória é um fenômeno construído, e para Pollak (1992), há uma relação muito forte entre memória e o sentimento de identidade social; identidade vista como a busca por uma imagem pessoal para si e para o grupo.

Assim, podemos afirmar, que a memória individual, de acordo com o repertório cultural de cada um, complementa a memória coletiva, e, dessa forma, construindo a identidade social.

As novas tecnologias representam a consciência de que vivemos em uma época

em que o tempo se verticalizou, isto é, “vive-se hoje mais em tempo real que no presente real. A época da informatização contribuiu para que o tempo seja vivido como se fosse tão só um somatório de instantes, um somatório do presente” (CATROGA, 2005, p. 6). Isso nos remete para a necessidade de lutar contra o que, para alguns, é característica essencial das sociedades contemporâneas e globalizadas, as sociedades amnésicas. E conferirmos, à memória, o valor como componente fundamental, que dá sentido à existência individual, familiar, grupal e social.

O mundo contemporâneo, pós-moderno, é superficial. Nele, a imagem tem um papel preponderante na vida das pessoas. Há, nas palavras do filósofo Peixoto (1990), uma excessiva banalização dessas imagens. Ele ressalta que vivemos no universo da ‘sobreexposição’ e da obscuridade, saturado, onde a banalização e a descartabilidade das coisas e imagens, por exemplo, é algo fácil de ser percebido. Paradoxalmente, ocorre uma ‘hiperrealização’ do real. A concretude das coisas e do mundo desaparece cedendo lugar à artificialidade.

Essa modernização cada vez mais acentuada do capitalismo implica destruição de valores concretos. Para se contrapor a isso é preciso uma revalorização das tradições. Com efeito, ela seleciona, nomeia, transmite e preserva a memória, o passado. Na sua ausência não há uma continuidade consciente do tempo, mas a mudança do mundo, do ciclo biológico das pessoas que nele vivem. A sua perda, segundo Arendt (1972, p. 32), se dá pelo esquecimento, talvez por um lapso que acomete os seres humanos. De acordo com essa autora, “[...] a memória é impotente fora de um quadro de referências preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo [...]”.

É necessário, então, criar e manter esse quadro, isto é, recuperar e reconstruir a memória na busca por uma identidade social. Isso está intimamente e culturalmente ligado, à preservação da memória. A sua não-conservação leva ao total esquecimento. Portanto, à perda do passado. Sem ele, o indivíduo não tem identidade, torna-se um ser perdido, à procura de um sentido para aquilo que faz. Em síntese, vira um autômato:

É sempre triste recordar épocas caracterizadas pela arrogância, pela prepotência, pelo absoluto desprezo e desrespeito aos mais elementares direitos do homem. É sempre triste recordar tempos marcados pelo desrespeito à lei, pelo império da injustiça na Casa da Justiça. Mas é indispensável recordar para que tais tempos não se repitam. Foram tempos de ódio, suplício e torturas que macularam a essência, não só das pessoas odiadas e torturadas, como também, da família humana. (LOPES & KUNZ, 2002, p. 25-26)

Esse foi o pronunciamento do advogado Mário Simas, por ocasião da missa de corpo presente de Alexandre e frei Tito, a respeito da ditadura militar. Esse depoimento quis expressar que apesar do sofrimento de frei Tito, um homem que lutou a favor dos direitos humanos, e contribuiu para que as futuras gerações pudessem ter a coragem de denunciar e combater a opressão.

Lopes & Kunz (2002) citaram que a força da lembrança foi a salvação do próprio frei Tito. Na prisão ele enfocou um momento que vivera de profunda agonia e desespero que desafiava a vida e a própria humanidade, mesmo depois de uma série de torturas ele conseguiu obter forças para testemunhar: “eu tive força para resistir, lembrei-me dos companheiros que morreram. A lembrança deles me deu forças para agüentar” (TITO, 1973 apud LOPES & KUNZ, 2002).

Desta forma, poderemos nos conscientizar pela reconstituição do nosso passado. Nossa identidade está calcada, pois, em uma interpretação duvidosa do que aconteceu ao longo desses mais de quinhentos anos. Não se permitiu, ao povo, que mostrasse sua versão sobre o processo de dominação a que fora submetido. É isso que estamos defendendo: a reconstrução da nossa própria história, construir a nossa memória e identidade.

Assim, concluímos que a preservação da memória é fundamental. Recuperar a memória de um povo é dar sentido e significado à sua existência anterior.

A memória faz com que a história cresça, e esta a alimenta, procurando salvar o passado para servir o presente e o futuro: a distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo; a diferença que nos interessa é a que existe na consciência coletiva, principalmente na consciência social histórica. Complementa Le Goff (1996, p. 205): “nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para, além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual”.

O passado, portanto, aparece reconstituído em função do presente, da mesma forma que o presente é explicado em função do passado; há uma interação entre eles. Hobsbawn (1998, p. 22) corrobora com esse pensamento: “em história, na maioria das vezes, há sociedades e comunidades para as quais o passado é, essencialmente, o padrão para o presente”.

Assim, a construção da memória está intimamente relacionada com as transformações que o presente lhe confere na reelaboração do passado. A memória popular é, portanto, a possibilidade de (re)elaboração, de (re)interpretação do passado.

Fazer parte de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado. Daí a importância da memória. Porém, nossa perspectiva é que a memória seja entendida enquanto objeto de conhecimento e que, no caso de um museu histórico, uma de suas principais funções seja a de contribuir para o entendimento de sua construção e de sua representação no momento presente e determinante das ações futuras.

#### 4 MATERIAIS DA MEMÓRIA: OBJETOS E DOCUMENTOS

Pesquisas nos mostram que, dentre os materiais da memória, podemos apresentá-los sob duas formas principais: “os monumentos (herança do passado) e os documentos” (LE GOFF, 1996, p. 535). E, parafraseando o autor, é importante fazermos uma abordagem etimológica: sobre a palavra latina *monumentum* que remete para raiz indo-européia, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa recordar, “o *monumentum* é um sinal do passado, é um legado a memória coletiva”. (LE GOFF, 1996, p. 535).

Esses objetos trazem informações sobre algum acontecimento, algum personagem ou lugar de memória, que constituem a memória da coletividade, em especial. Dessa forma, os objetos passam a ser encarnados de significado, de memória.

Levi, (LOPES & KUNZ, 2002, p. 99), evoca em suas memórias o valor e o significado dos pertences de um homem:

[...] que cada um reflita sobre o significado que se encerra, mesmo em nossos pequenos hábitos de todos os dias, em todos esses objetos nossos, que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado. Essas coisas fazem parte de nós, são algo como os órgãos de nosso corpo.

O termo ‘monumentos’ foi usado no século XIX para grandes coleções de documentos. Assim, podemos afirmar que o significado de documento não se limita apenas a tratados escritos, principalmente, depois do alargamento do termo ‘documento’, com a explosão documental a partir dos anos 60. Essa revolução documental promoveu uma nova unidade de informação, e é aí que a memória coletiva valoriza-se, instituindo-se em patrimônio cultural.

O documento não significa pretérito, é um produto em que a sociedade fabrica continuamente, segundo as mais variadas relações. Somente a análise do objeto, enquanto documento, permite o resgate da memória coletiva. Pode-se dizer que memória e documento são construídos socialmente.

De acordo com as pesquisas realizadas, afirma-se que com o ‘novo documento’, transcendendo para além dos textos tradicionais e transformados, os objetos devem ser vistos como um documento que retrata a história, resultado do esforço das sociedades históricas.

Os objetos e documentos são representações coletivas do passado, vistas, na perspectiva museológica, são elementos evocativos e constituintes da memória. Para embasar esse pensamento, Jeudy (1990, p. 49) afirma ser “o objeto, a imagem, e o relato, meios essenciais de investimentos e tratamentos da memória”.

É importante destacarmos a idéia do objeto gerador. As culturas produzem e, ao mesmo tempo, consomem objetos. O objeto está presente na história e a história o constrói.

A reflexão dos objetos atualmente, segundo Lopes & Kunz (2002), vai possibilitar a percepção de uma “carga de memória” diante dos objetos geradores entre as quatro paredes de um museu. O museu possibilita uma leitura da história, a partir dos objetos, pois eles são investidos por uma dimensão simbólica, sendo considerado como um objeto de cultura.

O que se busca no espaço do museu é a história através dos objetos, numa poética material que abre inúmeras possibilidades de interpretação. A poética dos objetos reside no tempo, nas marcas do uso, da falta de uso ou nas fendas do abuso. É por isso que sentimos o que é novo, assim como imaginamos o tanto de décadas ou séculos que possui determinado objeto [...]. Quantos segredos inconfessáveis [...], e tantas outras cargas de sentimentos e conflitos [...], tensões as mais íntimas e de caráter social. (LOPES & KUNZ, 2002, p. 31)

Refletir sobre os objetos não é um exercício de analisar o que passou, mas interpretar o passado no presente, é ouvir palavras indizíveis, pois “as coisas nos falam sim, e por que exigir palavras de uma união tão perfeita?” (BOSI, 1994, p. 442).

Lopes & Kunz (2002, p. 33) vão ao encontro deste pensamento e afirmam que os objetos não estão separados da pele, “é por isso que no caixão do morto, vai somente uma parte do corpo. O enterro sempre deixa pedaços”.

*Os objetos sobrevivem ao morto,  
os sapatos,  
o relógio,  
os óculos sobrevivem ao corpo  
e os solitários restam  
sem confronto.*

*Alguns deles, como os livros,*

*ficam com o destino torto,  
parecem filhos deserdados,  
ou folhas secas no horto.  
As jóias perdem o brilho  
embora em outro rosto.*

*Não deveriam  
Deixar pelo mundo espalhados  
os objetos órfãos de um morto,  
pois eles são fragmentos de um corpo.*  
(SANT'ANNA, 1999 apud LOPES & KUNZ, 2002).

Nessa perspectiva entendemos que os museus não são “templos da morte”, eles devem ser entendidos como “espaços de organização e de evocação das referências culturais que servem ao desenvolvimento do conhecimento” (JEUDY, 1990, p. 19). Os monumentos e objetos reunidos e consagrados por sua exposição ao público incorporam efeitos que, sutilmente, modificam os modos de sua ‘percepção estética’ ou da sua ‘apreensão afetiva’.

O desenvolvimento de um museu em relação à reunião dos objetos e de documentos gera a comunicação social, é um ato coletivo de restituição das trocas perdidas no passado e, também, no presente, dos fragmentos que constroem a memória e promovem uma ruptura com a memória oficial.

A discussão aqui proposta foi construída no intento de resgatar a importância dos objetos – registros das memórias e a forma como estas atuam na determinação da compreensão do passado, do presente e do futuro.

É sob essa perspectiva teórica que pesquisamos sobre a construção da memória no Museu do Ceará, no que se refere à abordagem dos materiais de memória. As imagens

do passado mantêm-se instáveis, mas o que recria, o que reanima é a interpretação coletiva e individual de cada ator social, e, portanto, construindo e/ou reconstruindo a memória popular.

## **5 REFLEXÕES SOBRE CULTURA POPULAR**

A cultura popular surgiu a partir de uma série de movimentos nativistas, na tentativa organizada, sob domínio estrangeiro, para reconstruir sua cultura tradicional. Essas manifestações iniciais da cultura popular ocorreram principalmente nas regiões que, segundo Burke, podem ser chamadas de periferia cultural, dos países da Europa.

As reflexões e discussões em torno da cultura, envolvendo pensadores e antropólogos, só se tornaram mais abrangentes a partir o século XIX. Cada um em seu contexto conceituou ‘cultura’. O desenvolvimento desse conceito é uma das características da antropologia e uma das suas maiores contribuições para as Ciências Humanas. A definição mais clássica e descritiva de cultura podemos encontrar em Tylor (1981, apud MILANESI, 2003): “é todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, lei, moral, costume e quaisquer aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Todos os homens interagem socialmente, participam de atividades que envolvem crenças, valores, diferentes visões, significados, definindo a natureza humana. Por outro lado: “cultura é um conceito que só existe a partir da constatação da diferença entre nós e os outros” (VELHO, 1993, p. 57). Implica identificarmos diferentes modos de *construção*

*da realidade*. Como analisa o autor, a cultura popular tem caráter heterogêneo e plural, podendo ser denominada como *culturas populares* (no plural).

Destaca-se, portanto, sua diversidade regional, religiosa, moral, étnica, entre outras, onde as camadas populares são visadas nesse ângulo, em diferentes modos de expressão. Dessa forma, nos mais variados níveis, analisamos a complexidade da vida cultural da sociedade atual, onde os fatos e informações são ativados a partir dos significados que as experiências foram culturalmente construídas e logo nos deparamos com um mapa dinâmico, de múltiplas possibilidades e em constante mudança.

Posteriormente encontramos em Lowie (1946, p. 34) uma síntese desse pensamento. Ele afirmou que a cultura é a soma de tudo que o homem adquire da sociedade, como um legado do passado, transmitido informal ou formalmente. Entende que a cultura é o conjunto de crenças e práticas, herdadas pela sociedade; Malinowski (1978) conclui que ela é um sistema de objetos, atitudes e atividades, no qual cada parte existe como um meio para o fim.

Os antecedentes históricos desse conceito defendiam que cultura está separada da natureza humana. Dessa forma, não podemos considerá-la pré-determinada geneticamente. Ela é o resultado das intervenções e convívio social. É transmitida e apreendida através das comunicações e relações sociais, como podemos encontrar na definição de Hoebel & Frost (1976, p. 4): “cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado da herança biológica”. A cultura pode ser definida, portanto, como um comportamento adquirido.

De acordo com esses estudiosos tudo pode ser considerado como objeto de cultura. Na verdade, não lembramos de tudo que foi vivenciado por nós, em cada época da nossa vida. Geralmente acontece naturalmente descartarmos grande parte das experiências vivenciadas e retemos somente aquelas que terão significados funcionais futuramente.

Yuri Lotman (2002), um semiólogo do século XX, cujas obras foram pouco

conhecidas, dizia que cultura é memória, pois a cultura de uma sociedade fornece caminhos pelos quais os indivíduos possam exercer os seus poderes de selecionar, de escolher, determinando o que vai ser descartado ou guardado pela memória, porque o que for retido poderá servir como informação importante para futuros posicionamentos.

Dizem que um povo sem cultura é um povo sem história, mas podemos dizer que um povo sem cultura é um povo sem vida, sem memória, pois em se tratando da vida em sociedade, a cultura está em toda parte, em todas as nossas ações, sejam nas esferas particular ou pública: “tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos ‘cultura’” (ARANTES, 1981, p. 34).

A cultura não pode ser considerada algo perdido, ela está sempre presente, pois gera uma produção material simbólica que manifesta características distintas da cultura dita como oficial.

Analisarmos a cultura ainda nos parece ainda mais controverso, de acordo com Peter Burke (1989, p.25), que nos fala de uma ampliação do conceito. Ele escreve que até o século XVIII,

o termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...]. Hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo ‘cultura’ muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante.

É possível perceber que Burke faz da cultura uma ocorrência universal, onde todos os povos possuem cultura, e elas são únicas de acordo com as tradições, costumes, interações sociais e simbólicas, de cada sociedade. Velho (1993), complementa esse pensamento afirmando que não só a “matéria-prima” de fatos e informações, mas modelos, juízos, valores são acionados a partir de significados, experiências e vivências culturalmente construídos, elaborados e articulados.

Completando o percurso conceitual e introdutório de cultura, passemos para as reflexões no âmbito da ‘cultura popular’, questões tão debatidas no século XX, entre antropológicos e estudiosos da cultura, mas que ainda é um termo complexo e difícil de ser definido de forma homogênea pelas ciências humanas, pois nos remete a inúmeras concepções e pontos de vistas. Parafraseando Arantes, é tempo de indagarmos sobre o sentido mais aprofundado dessa expressão, de modo a não deixá-la demasiadamente ampla ou vaga.

No passado a questão era mais complexa, principalmente quando se referia à oposição entre a cultura das elites e cultura popular. Quando se falava da cultura, remetia-se a uma idéia dos gostos, comunicação e educação; tanto que a cultura popular era vista como a cultura da maioria, mas sem “valor real”.

A partir do século XIX, com as lutas de classes, a cultura popular passa a ser valorizada, pois a cultura popular tem as suas raízes nas tradições, nos princípios, nos costumes, no modo de ser do povo.

Assim, entendemos que cada sociedade produz, por exemplo, a arte, reflexo de suas experiências, tradições e crenças. Quanto à cultura popular, pode ser considerada como uma cultura não oficial, o que não significa dizer que é uma cultura menor ou subalterna.

O filósofo Antônio Gramsci (1978), em suas teses, via a cultura como um campo potencialmente rico para a luta social, dessa forma observamos que a cultura popular não se esgota em si mesma. E Arantes (1981, p. 54) complementa: “cultura popular é, portanto, antes de mais nada, um tipo de ação sobre a realidade social”.

De acordo com Velho (1993) podemos entender que a cultura popular pôde servir

de elemento constituinte básico para a formação de uma unidade nacional oferecendo a esta uma memória a ser compartilhada. Bakhtin (2002, p. 419) corrobora, mostrando a necessidade de voltar ao passado para compreender a cultura popular e para entender a vida e as lutas culturais: “cada época da história mundial teve o seu reflexo na cultura popular. Em todas as épocas do passado existiu a praça pública cheia de uma multidão a rir [...], repetimos, cada um dos atos da história mundial foi acompanhado pelos risos de coro”.

É preciso então, encontrar o popular nos modos de vida vivenciados pelos grupos não homogêneos e assim a definirmos como um instrumento tanto de conservação como de transformação social.

Essa reflexão nos possibilita ampliar a nossa visão em torno do tema cultura popular, tão amplo, complexo e pertinente para os dias atuais, buscando denunciar ações oficiais através de manifestações populares como a arte, objetos, música, dança e muitas outras tradições, valorizando e expondo dessa forma a importância da memória do povo.

## 6 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O tipo de pesquisa, em que se baseia este trabalho, é exploratória. Segundo Gil (1994, p. 45), as pesquisas exploratórias “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses”. O planejamento dessas pesquisas é muito flexível, possibilitando a consideração de vários aspectos relacionados ao fato estudado. Entendemos que é a exposição de um tema, seguido da pesquisa de campo.

A pesquisa proposta é norteadada pelo método dialético. Apoiados nos estudos de Konder (1981, p. 84), “o método dialético nos incita a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente em nome do futuro, o que está sendo em nome do que ainda não é”. Esta citação vai, perfeitamente, ao encontro das propostas do tema desta pesquisa, que estudará a construção da memória popular no Museu do Ceará, dessa forma dando às ações da pesquisa um caráter dialético.

Os instrumentos de coleta de dados que utilizamos na pesquisa compreendem, a técnica da observação, “que revela certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos [...]” (LAVILLE & DIONE, 1999, p. 176). A observação, porém, constitui um elemento fundamental na investigação científica. Inicialmente este foi o primeiro instrumento que utilizamos, e permitiu nos familiarizarmos com o Museu, o espaço, as exposições, os visitantes e os monitores, bem como o comportamento dos mesmos durante a visita e exposição, respectivamente, porém este continuou sendo utilizado em concomitância com os demais instrumentos de coleta de dados.

A entrevista também foi utilizada na coleta de dados, do tipo semi-estruturada, que “consta de uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente, em ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento” (LAVILLE & DIONE, 1999, p. 188).

As perguntas foram feitas de forma pré-determinada aos visitantes e monitores do Museu. Entretanto, buscando construir um diálogo aberto que os deixassem mais espontâneos e naturais no ato da exposição dos seus pontos de vistas e detalhes a serem acrescentados, segundo a temática de cada pergunta. Podemos perceber que esse aspecto foi de extrema importância, pois se ampliaram, de certa forma, os horizontes para construirmos uma análise reflexiva e crítica.

Os depoimentos divulgados começam a criar uma referência cultural que estava circunscrita apenas a sua própria classe. As experiências e visões de mundo adquirem uma nova face a ser compartilhada.

Visando conhecer seus visitantes e suas opiniões a respeito das exposições, ideologia, bem como a melhoria de seus serviços, o Museu submeteu um Livro de Visitas, que contém depoimentos dos visitantes, e encontramos falas importantes que contribuiriam para finalizarmos a coleta de dados e na construção da análise. Informações importantes também foram encontradas nos folhetos explicativos editados pelo Museu e em atividades para o público em geral promovidas pelo Museu, como palestras e debates.

A amostragem utilizada foi do tipo aleatória simples “que concede a todos os elementos da população uma oportunidade igual de serem escolhidos” (LAVILLE & DIONE, 1999, p. 171). Na direção desse pensamento, é importante ressaltar que os participantes da pesquisa foram escolhidos, sem levar em consideração características pessoais, abordados durante a visita e sendo informados, antecipadamente, quanto aos

objetivos da pesquisa e autorizaram a gravação das entrevistas e citação dos depoimentos.

Utilizando esses procedimentos metodológicos, coletamos dados necessários e relevantes para respondermos satisfatoriamente as questões e objetivos inicialmente propostos, como podemos observar no capítulo seguinte, onde analisamos as informações obtidas e tecemos as respectivas considerações.

## 7 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA POPULAR NO MUSEU DO CEARÁ

O Museu do Ceará consolidou-se como um espaço múltiplo, isto é, faz alusão às várias versões da história. A partir da pesquisa realizada, podemos perceber que o Museu mostra conflitos históricos por diversos ângulos. Por exemplo, que podem ser vistos nas coleções de Thomas Pompeu e Dias da Rocha, que abriga objetos do meio ambiente, podemos ver a jangada, a cachaça e muitos outros utensílios de couro, que simboliza a cultura e a identidade cearense.

Na sala “Símbolos e Emblemas do Poder” encontramos muitos símbolos de ostentação e poder, como medalhas, louças, armas, moedas, grilhões e algumas peças importadas da Inglaterra:

*“Símbolos, moedas, medalhas, pinturas e condecorações tem a dupla função de conferir distinção social e de eternizar aqueles que pretendiam representar”* (Legenda de apresentação desta sala de exposições).

Já em “Escravidão e abolição negra”, verificamos um maior fluxo de visitantes, pelo fato do Estado ser o pioneiro na libertação dos seus escravos e isso despertar o interesse das pessoas em conhecer objetos alusivos a esse acontecimento, como o quadro “Fortaleza Liberta”. O objetivo dessa exposição é incitar a discussão sobre as memórias construídas acerca da escravidão negra e do abolicionismo no Ceará, desmistificando o tema “Terra da Luz” que o Estado recebeu ao decretar oficialmente o fim da escravatura em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea (1888).

Na sala “Artes da Escrita” destacam-se intelectuais que deram uma contribuição à cultura cearense, como Alberto Nepomuceno, Capistrano de Abreu, Rodolfo Teófilo,

filiados a determinados movimentos ou agremiações literárias e de ciências que se estabeleceram no Ceará (como a Padaria Espiritual, a Academia Cearense de Letras, Instituto Histórico, Centro Literário etc), bem como alguns objetos anteriormente pertencentes a esse vultos históricos, retratando dessa forma, o desenvolvimento da arte e da cultura.

A sala “Religiosidade popular” concentra algumas peças referentes ao universo religioso que envolve dois homens que atuaram no Cariri, região sul do Ceará. Como o Padre Cícero Romão Batista, que fundou a cidade de Juazeiro do Norte, e o Beato José Lourenço, que organizou a comunidade de Caldeirão.

Em “Trincheira e Barricada” vemos objetos referentes a alguns conflitos cearenses do passado, como a Sedição de Juazeiro, tema da religiosidade popular que é importante no campo da cultura por expor as crenças regionais, fundamentais também para a construção de uma identidade individual e principalmente coletiva.

A exposição “Fortaleza: imagens da cidade” é uma visão geral de tempos e espaços que se entrelaçam no intuito de estimular a reflexão sobre a constituição da cidade de Fortaleza, desde os tempos de "vila do Forte" até a sua configuração atual de metrópole.

Em “Povos indígenas” são expostos objetos relativos à cultura indígena, recolhidos em diferentes lugares do Brasil, entre eles o Ceará. As peças que compõe este espaço são oriundas, em grande parte, da coleção de Tomaz Pompeu Sobrinho, cearense que se dedicou a estudar a organização das comunidades nativas.

Na exposição “Ceará Moleque”, pode-se perceber nitidamente a intenção de mostrar a irreverência cearense, com todas as suas curiosidades e tradições, como por exemplo, o bode Yoyô, um personagem popular que também fez parte da história do Ceará no século passado.

O “Memorial Frei Tito de Alencar” nos convida a uma reflexão crítica da história do Brasil no período da ditadura militar. Há propostas de interpretação diante da vida do frei Tito, a partir da forma como os objetos foram expostos, que traz maior visibilidade ao ato de se conhecer o passado. É a história que vai além dos livros, e transcende ao museu, um oásis da cultura, que possibilita ao público recuperar um pouco de sua identidade.

A partir das entrevistas realizadas com visitantes e monitores do Museu do Ceará, podemos detectar e destacar aspectos de sua representatividade, na sociedade como identidade, construção da história e memória, a relação passado/presente, o antigo como novidade, cultura e percepção de realidade social.

Em seguida, o Museu representa um espaço de reflexão, de aquisição de informações e conhecimentos. Produz questionamentos, sobre a humanidade, sobre nós mesmos, passos da luta vivida cotidianamente:

*“[...] o Museu conta uma parte da história que eu não passei, mas que meus pais passaram, meus avós passaram, e eu acredito que isso seja importante pra que a gente não veja lá na frente tudo o que a gente já passou e que a gente não veja que o mundo é só o que a gente vive hoje, ou a guerra que a gente vê amanhã... É sempre novo, o mundo sempre engloba coisas novas, nunca vai ser antigo [...]”.* (Visitante do Museu)

*“[...] este espaço retrata o sofrimento do povo, o sofrimento do povo da antiguidade, se você olhar, coisa que acontecia cem, cento e poucos anos atrás, e que hoje ainda acontece. O mundo cresce, mas a pobreza cresceu junto com ele, dizem, que a escravidão acabou, mas só que, na verdade, a escravidão até hoje existe... a escravidão do povo que trabalha, é explorado por pouco dinheiro, aquele pessoal que termina sendo escravo, por questões de sobrevivência [...]”.* (Visitante do Museu)

Esses depoimentos evidenciam a forma como as pessoas constroem suas próprias sínteses a partir de suas diversas experiências cotidianas. No contar das experiências e lições que a vida lhes ensinaram. Eles constituem elementos de memória e guardam a relação com os acontecimentos da história narradas e descritas por meios oficiais ou resultantes das próprias condições de vida, trabalho e das diversas formas de atividades grupais.

O Museu motiva a reflexões sobre a realidade social, nos dá informações acerca do passado que podem ser essenciais para compreendermos e tenhamos uma visão crítica no momento presente em constantes transformações sociais, no interior dos relacionamentos individuais e coletivos, e a função de cada um como agente social, como também ao próprio futuro.

Podemos visualizar a partir dos depoimentos, o museu representado como testemunho vivo da história, contribuindo na construção da mesma:

*“[...] nos livros nós apenas lemos, é aqui que a gente vê, temos o contato direto, é ver para crer, é fazer uma viagem ao passado”.* (Visitante do Museu)

*“O Museu faz a gente se sentir mais próximo da história e é muito importante para a interiorização da história à vida”.* (Visitante do Museu)

Atualmente vivemos de uma forma acelerada a ponto de sermos impedidos até mesmo de sentir o tempo passar. O museu, no entanto, possibilita ao visitante, como podemos perceber, habitar esse tempo e vivê-lo plenamente, possibilitando a interação, numa relação que pode ser transformadora, e dessa forma, tornando definido o seu papel social.

*“Do Museu podemos tirar muitas coisas para a nossa vida, nossa história [...], os objetos contam um pouco de cada história, de cada período, das nossas vidas e também do futuro”.* (Visitante do Museu)

*“O Museu reconstitui a história da cidade, da cultura do povo, é como se a gente fosse revivendo aquelas memórias, aqueles dias passados. Uma maneira importante para o futuro, porque a história se faz de memórias, só se constrói a partir do passado”.* (Visitante do Museu)

Assim podemos perceber que a memória não nos aprisiona no passado, mas nos conduz com maior segurança para enfrentarmos os problemas atuais e o futuro. Segundo Catroga (2005) a pior idéia que podemos ter é uma visão petrificada da memória, pois a memória é algo da vida. E como não pode haver vida sem expectativas, não é o passado que dá sentido ao presente. São as expectativas de futuro que dão sentido ao passado.

A construção da memória também possibilita uma transformação da consciência das pessoas no que se refere à sua própria identidade:

*“É o povo representado aqui através da jangada, dos objetos indígenas... E assim, os objetos falam, falam do povo, falam de tudo [...]”.* (Visitante do Museu)

*“O Museu pode construir o futuro, dá para construir o futuro, principalmente pelos erros que cometeram no passado, dá para ver o que temos que fazer atualmente”.* (Visitante do Museu)

*“O contato vale, não vale só a prática, vale também a teoria, de você ouvir falar que aquilo aconteceu, mas você não ter provas... então, é mais forte ver, do que ouvir falar”.* (Visitante do Museu)

*“[...] foi impressionante confrontar o que aprendi nos livros com os objetos e tudo que está aqui”.* (Visitante do Museu)

Constatamos que a história contada através dos objetos, exposições, torna possível não só a construção da memória coletiva e popular, a partir do testemunho que dão do passado, fazendo as pessoas reviverem a época e compreender o futuro.

Na oportunidade, ouvimos também um dos monitores do museu, que defendeu a visão de que o museu é um espaço de produção cultural, um lugar de construção da memória e não somente de preservação, o que vai ao encontro dos nossos objetos, mas em seguida afirma:

*“A memória está sendo, o tempo todo, construída e nessa construção muitos conflitos existem [...]”.*

Podemos analisar a partir do ponto de vista do entrevistado que um dos objetivos do museu é despertar a consciência crítica das pessoas, reflexões sobre a história que não pode ser vista como a ciência do passado, e sim do presente, mas buscando no passado chaves para compreensão do presente.

Esse processo de construção ou de produção opera em uma dimensão que, concordando com Montenegro (1994, p. 19), partindo do real, do acontecido, a memória, como um elemento permanente do que foi vivido, pode atender a um processo de mudança ou de conservação. Assim,

a memória tem como característica, também, o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou indivíduo, formando todo um imaginário que se

constitui em uma referência permanente de futuro.

Memória é trabalho. Lembrar é, resumidamente, construir uma imagem por materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência. Bosi (1994) sublinha que sem lembrança não há memória, nem a possibilidade de recuperá-la. Por fim, convém ressaltar que a lembrança envolve aspectos subjetivos do relacionamento de um indivíduo com a família, com a classe social. Em síntese, com os vários grupos de convívio humano e as várias referências peculiares e inerentes a eles. Sem lembranças, não há memória e sem ela o indivíduo, não tem identidade.

Quanto ao papel social do Museu, um aspecto importante das instituições culturais, vale ser destacado o depoimento de um dos monitores do museu:

*“O papel social do museu é interagir com a sociedade em que ele está inserido, com a comunidade, de forma a promover a cultura e as transformações dos indivíduos em agentes sociais, pessoas críticas [...]”.*

A partir desse depoimento, procuramos identificar as atividades que o Museu desenvolve junto à sociedade para tornar concreto seu papel social, e conhecemos um pouco sobre o núcleo educativo, que interage diretamente com estudantes, principalmente das escolas públicas, do primário à universidade, realizando recepção, onde são esclarecidos os conceitos de museu, história e memória, e a monitoria propriamente dita, um passeio crítico e reflexivo pelo passado, utilizando a metodologia da instituição, correndo o risco de delimitar a reflexão pessoal. Mas como afirma o entrevistado:

*“[...] só existe aprendizado quando as pessoas dialogam, quando interagem, nós mostramos a nossa visão e as pessoas são livres para exporem a delas”.*

Além disso, o Museu promove semanalmente debates, a partir de vídeos e outras

leituras, aberto ao público em geral, em um laboratório de “Memória e Museu na História Social”. Dessa forma o museu acredita estar estabelecendo vínculos mais fortes com a sociedade, contribuindo para a construção da memória do povo, ao mesmo tempo em que interage.

Esse mergulhar conjunto e compartilhado no passado nos faz emergir mais conscientes no presente e naturalmente nos conduz a ações conjuntas e políticas objetivando a sua superação.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar da multiplicidade de fatores envolvidos, a questão da cultura configura-se como importante elemento na construção da memória. A cultura popular é uma categoria que se desdobra dos conceitos introdutórios e gerais de cultura, é um termo com muitas definições concorrentes, é um sistema de significados que engloba atitudes, valores

partilhados e as formas simbólicas, como por exemplo, apresentações ou objetos em que eles são expressos ou encarnados.

O sentido de cultura popular corresponde às manifestações espontâneas que estejam ligadas a tradições orais, livres, coletivas, cultivadas pelo povo. Como encontramos no pensamento de Martins (2004), que o principal agente motivador dos elementos constituinte da cultura popular é o povo, ao mesmo tempo em que se confunde também com o espaço físico, o meio social, onde estes fenômenos se realizam como tradição. Ele diz que podemos considerar a cultura como herança simbólica em si, um conjunto de experiências socialmente acumuladas, é o produto do relacionamento do homem com a natureza; sendo a tradição o uso dessas experiências, se referindo a memória do grupo.

Podemos considerar cultura como a materialização da memória, uma memória dinâmica, capaz de produzir conhecimento, que também é uma das características da sociedade da informação.

Na memória representada através dos objetos, podemos reconhecer a importância desses testemunhos vivos da história. Nos autoriza a fazermos leituras diversas diante das muitas informações que podem ser extraídas a partir do olhar sobre os objetos e o contato, dando-lhes significações e já podendo considerá-lo documento, “daí o consenso em torno de uma reprodução ativa de imagens da cultura. Ao invés de serem inerentes, às mentalidades, as representações das diferentes culturas apresentam-se como objetos a serem percebidos, lidos, estudados” (JEUDY, 1990, p. 2). Informações que serão elementos fundamentais na construção da memória e identidade do povo.

Seguindo o pensamento de Jeudy (1990), assim como todo indivíduo viveria mal sem memória, também a coletividade precisa de uma representação constante do seu passado. Como podemos observar no depoimento seguinte:

*“A história é sempre um meio de conhecer não só a origem, mas a verdade além dos livros”.* (Depoimento extraído do livro de críticas e sugestões do Museu)

Este aspecto vai ao encontro do objetivo geral da pesquisa e identificamos, em seguida, a interação da população com o Museu e a forma como contribuem na construção dessa memória. A citação seguinte traduz esse aspecto e o momento atual do Museu em busca de temáticas populares polêmicas, representativas da cultura e memória popular cearense:

*“Em 2006, oitenta anos depois da criação da comunidade, setenta anos depois de sua destruição e sessenta anos depois da morte do beato, o Museu do Ceará relembra o Caldeirão, com uma exposição de objetos e imagens, testemunhas tocantes da vida e da destruição dessa experiência ímpar na vida dos camponeses que fizeram e fazem parte desta história do Brasil”.* (Texto de apresentação da exposição Caldeirão, inaugurada dia 22 de março de 2006 na sala de exposições temporárias)

Consideramos a importância desse trabalho para as Ciências Humanas, nas áreas de Antropologia, Sociologia e Ciência da Informação. Pois, todo esse processo de construção da memória requer conhecimentos e informações, que só poderão ser executadas e discutidas a partir de leituras que transformarão indivíduos em seres humanos críticos e reflexivos, agentes capazes de ampliar os horizontes e modificar a realidade social:

*“Eu vejo o Museu como um aparelho do Estado que pode ser usado para a sociedade refletir sobre ela mesma. Creio que esse deve ser o papel das Ciências Humanas: fazer a sociedade refletir sobre ela mesma... o tipo de conhecimento produzido aqui não pode ser produzido em nem um outro lugar, porque nem um outro lugar tem a disponibilidade desses objetos como o museu tem [...]”.* (Monitor do Museu)

Este estudo foi realizado em âmbito regional, no que se refere às dimensões do

assunto, que não pretendeu uma cobertura mais abrangente, pois é antes uma abordagem dos temas centrais ligados entre si, que nos fundamentaram teoricamente sobre a pesquisa.

A sua importância consiste em analisar e identificar as informações passadas no espaço do Museu que possam vir contribuir para o enriquecimento da reconstrução da memória popular, norteadas a partir do conceito de cultura popular agindo e interagindo dentro de um mesmo universo, podendo ser estudadas da mesma maneira, mas por apresentar suas especificidades, devem ser estudadas a partir de seus próprios pressupostos. Por isso tratamos de reunir conceitos, conhecer abordagens e verificamos os paralelos existentes para traduzirmos as falas que tem provocado interpretações superficiais.

Essa pesquisa buscou construir um novo olhar, de redescobrir o que possuímos, mas que de alguma forma não estávamos reconhecendo nesse contexto. Foi uma exploração de significados que podem ser apresentados por essa instituição cultural e nesse ínterim Araripe (2003, p. 359) corrobora:

Percebemos que quando mergulhamos nos movimentos do passado e nos debruçamos sobre os fatos particulares, mais podemos desvendar e compreender a estrutura e regularidade desse passado e verificar que em um mesmo contexto estão reunidos diferentes fatos que, na verdade, formam a unidade social.

Nessa dinâmica social está a interação dos fatos, que se integram e formam unidades cada vez maiores, assim, nos conduzimos para as mudanças sociais e mostrarmos a interdependência dos seres humanos e instituições, podendo transformar as configurações da sociedade atual:

*“O Museu é muito rico em informações, o que nos permite voltar ao passado com lembranças significativas e conscientes das ações futuras, em que seremos responsáveis”*  
(Visitante do Museu).

Esperamos com essa proposta contribuir com as reflexões já existentes acerca da memória, cultura e museu, haja visto o impulso e a importância da pesquisa para as instituições culturais e os pesquisadores.

Com base nos resultados da pesquisa torna-se indispensável visualizarmos o Museu do Ceará, um espaço dinâmico de construções e reconstruções de memória, uma fonte de informação indispensável para a sociedade em âmbitos culturais e educacionais, tendo por papel social construir mentalidades críticas e conscientes dos seus valores e construtores do seu espaço de vivência, atuando como agentes de transformação social.

## **9 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, n. 36).

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Patrimônio cultural, memória e cidade: fontes de (in)formação educacional. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; BEZERRA, José Arimatéia Barros (Org.). **Biografias, instituições, idéias, experiências e políticas educacionais**. Fortaleza: UFC, 2003. (Coleção Diálogos Intempestivos, n. 12).

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Annalume/Hucitec, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Cultura. IPHAN. **Política Nacional de Museus**: relatório da gestão 2003/2004. Departamento de Museus e Centros Culturais, 2005.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CATROGA, Fernando. Futuro e memória. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 1 set. 2005. Caderno 3, p. 6.

CEARÁ. **Leis do Estado do Ceará**: 1932-1940. Fortaleza: Imprensa Oficial.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FEDELI, Orlando. **Cultura popular, cultura de elite, cultura de massa**. Disponível em <<http://www.montfort.org.br/index.php?acao=veritas&subsecao=politica&artigo=cultura=bra>>. Acesso em 09 abr. 2006.

FEITOSA, Tadeu. A praia de Iracema como patrimônio cultural: patrimônio de quem? **Olhar Midiático**: revista de Comunicação Social e Informação, Fortaleza, n.º 1, ano 1, mar. 1998. p. 96-106.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GIRAUDY, Daniele; BOUILHET, Henri. **O museu e a vida**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

HOBSBAWN, Eric J.. **Sobre história**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOEBEL, E. Adamson; FROST, Everett L.. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 1976.

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu Histórico do Ceará**: a memória dos objetos na construção da história (1932-1942). Fortaleza: Museu do Ceará, 2005. (Coleção Outras Histórias, n. 28).

\_\_\_\_\_. O Museu entre o passado e o futuro. **O Povo**, Fortaleza, 13 mar. 2005. Caderno Vida e Arte, p. 10.

\_\_\_\_\_. Museu compartilhado. **O Povo**, Fortaleza, 16 jun. 2005. Caderno Vida & Arte, p. 7.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. (Coleção Ensaio e Teoria).

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, n. 26).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da

pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LIMA, Gláucio Barreto de. **Reflexão museológica como fonte de informação**: olhar analítico no contexto fortalezense. Trabalho apresentado na disciplina de Fontes de Informação I do curso de Biblioteconomia. Fortaleza: UFC, 2003.

LOPES, Régis. Objetos da memória. **O Povo**, Fortaleza, 14 jun. 2005. Caderno Vida & Arte, p. 6.

LOPES, Régis; KUNZ, Martine. **Frei Tito**: em nome da memória. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002. (Coleção Outras Histórias, n. 7).

LOTMAN, I., **La Semiosfera**. Madrid: Cátedra, 2002.

LOWIE, Robert H.. **História de la etnologia**. México: Fondo de Cultura, 1946.

MALINOWSKI, B.. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2 ed.. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MARTINS, Clerton. **Antropologia das coisas do povo**. São Paulo: Roca, 2004.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**: biblioteca e centro de cultura. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Caminhos da História).

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projetos de história**. São Paulo, 1993.

PEIXOTO, Nelson Brissac. “O olhar do estrangeiro”. In: NOVAES, Aduino (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RIBEIRO, Regina. Memória dos pertences. **O Povo**, Fortaleza, 22 mar. 2006. Caderno Vida & Arte, p. 1.

SOLINOS. **Museu do Ceará**. Disponível em: <<http://www.solinos.com.br/Nordeste/Cear%E1/Fortaleza.htm/>>. Acesso em: 10 set. 2005.

THOMPSON, John B.. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TYLOR, Edward. **Cultura primitiva**. Madrid: Cátedra, 1981.

VELHO, Gilberto. Cultura popular e sociedade de massas: uma reflexão antropológica. **Piracema**: Revista de Arte e Cultura: n. 1, v. 1, 1993. p. 57-63.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM OS VISITANTES DO MUSEU**

1 Diante de tudo que virão e sentiram durante a visita ao Museu, o que este espaço consegue representar de forma particular?

2 De que forma você consegue visualizar a história contada através dos objetos?

3 De que forma você vê a confrontação de memórias: a memória do povo e a memória dos oficiais?

4 Na sua opinião, de que forma o Museu está trabalhando para expor não só a memória oficial, mas a memória do povo?

5 Na sua opinião, de que forma Museu e Memória contribuem para a construção do futuro?

**APÊNDICE B – APÊNDICE DA ENTREVISTA REALIZADA COM OS MONITORES DO MUSEU**

1 Como você percebe o Museu do Ceará trilhando os caminhos da Memória Popular?

2 Diante das visitas, como você percebe os visitantes adentrando nesse universo pretendendo conhecer ou construir a sua memória?

3 E quanto o impacto do Museu na sociedade?

4 Fale-me um pouco sobre os projetos educativos existentes no Museu?

5 E quanto ao papel social do Museu?

6 É realizada alguma pesquisa junto à comunidade que respalde as exposições temporárias, por exemplo?

7 Qual a representatividade do Museu para você, particularmente e como profissional?